



ONATE, A. M. *Ficção e tempo na filosofia de Edmund Husserl*. Tomo II. Porto Alegre: Editora Fi, 2019, 174p.

Prof.<sup>a</sup> Ms.<sup>a</sup> Neusa M. Rudek Onate  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE<sup>1</sup>

No segundo volume de *Ficção e tempo na filosofia de Edmund Husserl* o professor Alberto M. Onate prossegue com as análises iniciadas no volume anterior de sua obra (este publicado em 2016) centrando-se em duas obras: *Ideias para uma fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica I – Introdução geral na fenomenologia pura* (1976) e *Ideias para uma fenomenologia da consciência interna do tempo* (1893-1917). Observa o autor que Husserl não somente amplia, especificamente a partir destas obras, seu horizonte questionante para a totalidade do conhecimento bem como constrói importantes redes metódicas de conceitos e argumentos para a sua fenomenologia. Deste modo, faz-se

---

<sup>1</sup> Email: [neusarudek@hotmail.com](mailto:neusarudek@hotmail.com)

necessária a atenção redobrada aos sentidos dessa malha semântica que por ventura pode ser interpretada de maneira incompleta ou equivocada.

A atenção também deve ser redobrada para a compreensão do método de reduções fenomenológicas (*Methode phänomenologischer Reduktionen*) pelo qual tem-se acesso ao desvelamento do horizonte dos fenômenos transcendentais. A compreensão dos fenômenos se modifica de modo capital quando se passa da atitude natural à atitude transcendental que resulta em doações originárias. A essência da consciência de algo (*das Wesen des Bewusstseins von Etwas*) é tema inicial da investigação de Husserl que, por sua vez, tem por objetivo reduzi-la eideticamente no intuito de captar, de modo reflexivo e ideativo, a essência de cada vivência (percepção, memória, imaginação, fantasia, etc.).

Enquanto ciência das origens, a fenomenologia enfrenta dificuldades ao estabelecer quais campos fenomênicos podem de fato se submeter de modo completo ou parcial às várias etapas da *epoché*, como por exemplo a redução do eu puro que permanecerá provisória até a elaboração do segundo volume de *Ideias*.

As inúmeras distinções entre os atos intencionais repercutem na dinâmica noética-noemática pela qual qualquer vivência intencional carrega em si ao menos um noema e um sentido ou proposição com referência a objeto, por outro lado, comprova-se que o objeto, seja ele possível, efetivo ou provável, etc. é um objeto de consciência (*Gegenstand des Bewusstseins*). Mundo e efetividade em geral são, portanto, representações dadas na consciência efetiva e possível mediante sentidos ou proposições próprias. Um objeto dado na consciência como o mesmo passa por variadas sínteses de identificação apriorísticas.

O caráter eidético dos argumentos se faz presente mediante as referências à atitude natural, fato que corrobora a preliminaridade à plena compreensão da consciência pura e do campo fenomênico atinente. Ao que, segundo o autor, permite-se indagações acerca da alteridade do mundo natural com relação a natureza das vivências (intencionalidades) de modo tal, a separar-se delas. Admitindo a distinção entre mundo natural e vivências, como é possível a interação? A compreensão estaria na análise da percepção sensível (*sinnliche Wahrnehmung*). A vida natural é um constante perceber atual ou inatual, contudo, a atitude natural do humano ingênuo é desprovida do olhar para as essências. É um visar vazio de um eu vazio numa relação de estranheza que, para os humanos científicos (*Wissenschaftlicher Mensch*) é uma relação de estranheza amenizada. A diferença entre ambas visadas se dá pelo caráter subjetivo acidental no primeiro caso e objetivo necessário para o segundo.

Destaca o autor que não são essas visadas vazias que interessam ao fenomenólogo. Husserl busca uma visão mais profunda, uma visada destematizada que olha fenomenologicamente para as sínteses do perceber da percepção, sínteses pelas quais percepção e percebido se encontram numa relação essencial. Noutras palavras, o encontro de um sujeito possível e um objeto possível, sendo que a possibilidade deste encontro se efetiva mediante a percepção. O olhar para o objeto pelo qual se aponta sua quiddidade difere essencialmente do olhar para a “relação”

sujeito/objeto. Demarcando decisivamente a distinção entre os modos de ser da coisa e da consciência, do ser da realidade (*Realität*) e do ser da consciência (*Bewusstsein*). Distinção que resulta em modelos escalonados, complexos e rigorosos de argumentos, conceitos e descrições fenomenológicas acerca de seus objetos aparentes, presentantes e presentificantes.

Quanto a redução do eu puro, o autor infere que nesta etapa do pensamento husserliano os argumentos são provisórios, tendo se cumprido somente na tessitura do segundo tomo de *Ideias*.

No tocante às discussões acerca do tempo, assevera o autor que o discurso inicial do fenomenólogo faz referência a Santo Agostinho e ao clássico dilema sobre o tempo discriminando alguns dos apontamentos agostinianos. Husserl toma como ponto de partida as análises acerca da origem do tempo de Brentano, tais análises desembocam em observações críticas que enfatizam o caráter psicologista do tempo nas ponderações brentanianas acerca das apresentações e demais nexos temporais condizentes.

Na formulação husserliana, assevera Onate, todas as apresentações subordinam-se ao fluxo temporalizante universal. Esse processo implica em dupla intencionalidade: uma que se dirige ao todo da dinâmica presentativa e outra dirigida aos objetos imanentes presentificados, formando uma unidade intencional. O processo dessa unidade intencional, contudo, não está completo e demanda a superação de importantes dificuldades argumentativas com relação ao estatuto de efetividade reprodutiva.

Na consciência temporal se cumpre toda a objetividade de objetos e de processos temporais individuais sem uma compreensão da identidade de seu posicionamento temporal, no entanto, e por outro lado, Husserl defende que toda a objetividade pressupõe consciência de identidade. Processo que sofre modificação somente nos modos objetivantes de dadidade sem implicar em modificações das essências intencionais de objetos temporais. O fenomenólogo prossegue seu discurso com as análises minuciosas dos processos mnemônicos e fantásticos de dadidades temporais incorrendo em dificuldades que ele atribui à falta de nomenclatura. Onate observa que essa dificuldade não perfaz somente a carência de nomes. O que se sobrepõe é o próprio limite conceitual e argumentativo das inúmeras distinções fenomenológicas inerentes ao pleito, e mais, é o próprio limite da compreensão racional e lógica, mas, que seria fonte de incremento às investigações posteriores.

Submetido: 24 de outubro de 2019

Aceito: 19 de novembro de 2019